



GOIÂNIA: “Flor Miraculosa do Estado Novo”¹

Marilena Julimar Aparecida Fernandes Jeronimo²

RESUMO:

O presente texto tem como objetivo discutir o processo de transferência da capital do Estado de Goiás para Goiânia como uma atitude característica do Estado Novo e para tal será utilizado como fonte a Revista Oeste, que circulou entre os anos de 1942 e 1944 e também o livro Memórias de Pedro Ludovico Teixeira publicado em 1973.

Palavras-chave: Goiás; Goiânia; Estado Novo; Pedro Ludovico Teixeira.

¹ O presente texto é parte da Tese de Doutorado intitulada Pedro Ludovico Teixeira X Antônio (Totó) Ramos Caidado: Memórias, Ressentimentos, Esquecimentos e Silêncios (1930-1970), defendida em 2013 na UFG, sob Orientação do Professor Dr. Nasr Fayad Chaul.

² Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás - UFG. Docente na Universidade Estadual de Goiás (Unidade Universitária de Pires do Rio) – UEG, na Escola Agrícola Godofredo Perfeito – EAGP e na Escola Estadual José Pio de Santana – EEJPS. Brasil. julimarfer@gmail.com

O Estado Novo – um período autoritário da história, que durou de 1937 a 1945 – foi instaurado por um golpe de Estado que garantiu a continuidade de Getúlio Vargas à frente do governo central, tendo a apoiá-lo importantes lideranças políticas e militares. Nesse contexto de efervescência política, refletiremos como a Construção de Goiânia e a Marcha para Oeste foram consideradas como uma luva para o conceito do Estado Novo. Nesse sentido, partir-se-á do pressuposto de que Goiânia é fruto do Estado Novo e a determinação de mudar a Capital é um ato Estadonovista.

Nesse sentido, buscar-se-á, utilizando como fonte a Revista Oeste³ e da obra Memórias de Pedro Ludovico Teixeira (1973) compreender e descrever a mudança da capital do Estado de Goiás como uma atitude característica do Estado Novo. Evidenciar-se-á, ainda, as práticas autoritárias utilizadas nesse momento para silenciar os opositores e a imprensa. Pretende-se, com tal abordagem, analisar a importância da mudança da capital para a exaltação e manutenção do Estado Novo, uma vez que Ludovico, além de promover a si mesmo com a criação deste “marco”, promovia também a continuidade de uma política voltada para a “modernização a qualquer preço”, seguindo os moldes de Vargas.

Nessa perspectiva, pode-se destacar o discurso de Pedro Ludovico feito em 1940 com o título *A visita do Presidente Getúlio Vargas ao Estado de Goiás* presente no livro Memórias, quando Teixeira (1973) enfatiza que o “Sr. Presidente Getúlio Vargas! Goiânia é sua. [...] cada pedra de suas construções representa um pouco de sacrifício [...] luminoso na senda do progresso. [...] Ela lhe pertence” (p.115-116).

Ao observar artigos veiculados nas fontes a que se propõe analisar para o desenvolvimento do capítulo em questão, percebe-se que, a partir da década de 1940, o discurso sobre Goiânia sai do âmbito regional ou estadual e ganha uma dimensão maior, ou seja, nacional, o que reafirma que a transferência da capital de Goiás foi um marco para demonstrar que Ludovico e Goiás estavam inseridos na Política do Estado Novo, conforme pode-se depreender na nota publicada no artigo⁴ *Um homem e uma obra*: “Goiânia apresenta, ainda uma feição profundamente nacionalista. [...] Goiânia é como a miniatura do Brasil integral” (p.01).

Ainda na expectativa de relacionar Goiânia ao desenvolvimento do país, o mesmo artigo ressalta que “Goiânia é, a um só tempo, testemunha e símbolo. Símbolo da política de integração do Brasil na nova era da nossa história [...]. É testemunho de que nosso ânimo realizador [...] nos tornaram

³ De 1942 a 1944

⁴ Ano II, nº 6, julho de 1943.

dignos da missão que nos está confiada” (p.04). Nesses dois recortes, observa-se uma exaltação à Goiânia e ao Estado Novo, uma vez que tratam a Capital como um símbolo representativo do Brasil e do momento político que o país estava vivendo.

Essa afirmação pode ser percebida quando Teixeira (1973) assevera que Goiás “Coração do Brasil pela posição geográfica, Coração do Brasil pelos sentimentos de brasilidade de seus filhos, Coração do Brasil [...] Goiás de autora se via jogado à margem dos acontecimentos [...]. A Revolução foi benéfica para o Brasil e pródiga pra Goiás” (p.115).

Sem Goiânia, a continuidade da revolução, a ideia de progresso, desenvolvimento do estado e a participação política de Ludovico não teriam sido possíveis. O que deu impulso ao tão decantado progresso e desenvolvimento do Estado de Goiás não foi o movimento revolucionário em si, mas a transferência da capital. No decorrer da obra *Memórias*, Teixeira (1973) deixa claro que só seria possível desenvolver o Estado a partir da construção de Goiânia.

A obra de transferência da capital completou-se entre os anos de 1933 e 1942. No sentido de valorizar o processo de construção e a mudança da capital, Teixeira (1973) ressalta que “o assunto mais importante para a vida goiana atual de realizações é, fora de dúvida, a mudança da capital [...] *tornando o Estado alvo dos olhares do país inteiro*” (p.127) (grifo nosso). Ainda lembrando o papel da capital, não apenas para Goiás, mas para o Brasil, o artigo *Palavras do Interventor Pedro Ludovico Pedro Ludovico*, publicado no Jornal O Popular⁵, destaca que,

Goiânia com seu desenvolvimento surpreende, mau grado o nível econômico-financeiro relativamente baixo do povo goiano, demonstra no primeiro lustro de sua jovem existência, o que será em futuro próximo. Sendo topográfica e geograficamente uma das cidades mais bem situadas do país, tendo nos seus arredores possibilidades imensas para a lavoura e pecuária, conseguirá fatalmente, dentro de poucos anos, tornar-se uma das interessantes metrópoles do Brasil. (Jornal O Popular de 24/10/1938 – especial para essa edição).

Deve-se ressaltar ainda que a transferência da capital, além de representar o progresso do Estado e atrair olhares de todo o país, demonstra uma expressão e manutenção do poder de Ludovico, pois na cidade de Goiás estava o reduto da família Caiado, tirando-a de circulação, tirava-se também toda e qualquer representação dessa família, reforçando o silenciamento que lhes era imposto, numa tentativa de apagar velhos costumes e representações políticas, levando o Estado à modernização e reafirmando a instauração do Estado Novo.

No Brasil, o lema desenvolvimentista atribuído ao governo Vargas impregnava os discursos oficiais como pode-se notar na exposição de Ludovico Teixeira (1973).

⁵ Jornal O Popular de 24/10/1938 – especial para essa edição.

No Brasil, Vossa Excelência encarna o espírito de coesão nacional, o espírito necessário a implantação da ordem e do progresso, O ESTADO NOVO (grifo do autor) não é um regime de promessas bonitas, porque atende a nossa formação moral e espiritual, assentando suas vigas-mestras nas tradições. (Teixeira 1973 p.114).

Em Goiás, o fenômeno se concretizou na construção de uma nova capital e em função da maior produção agrícola do Estado, principalmente fruto da colonização empreendida pelo governo Federal no território goiano. Havia uma preocupação por parte do governo federal com os espaços vazios do território nacional, e a contrastante densidade populacional do país tomou maior importância durante a II Guerra Mundial, passando a fazer parte de projetos governamentais.

Em decorrência, a “Marcha para o Oeste” – lema inaugurado em 1930 – tratava da concreta ocupação do Planalto Central, buscando ocupar áreas vazias do território e, ao mesmo tempo, articular meios de transporte, visando a abertura de escoadouros para a produção nacional. Nesse sentido, entende-se que estava se plantando, de fato, a semente para a Marcha para o Oeste, no sentido de dinamizar a demografia e a economia de Goiás. E para Pedro Ludovico Teixeira (1973) Goiânia seria “a vanguardeira de Marcha para Oeste”. (p.115). E ainda para o autor “o verdadeiro sentido de brasilidade é a Marcha para o Oeste” (p.114).

A cidade de Goiânia foi inaugurada em 1942, na presença de intelectuais e artistas que participaram dos eventos e festejos que marcaram a data. Ludovico ressalta que, além da presença de pessoas “importantes”, recebeu também homenagens de representantes de diversos estados do Brasil. Nesse sentido, Teixeira (1973) utiliza uma mensagem da comissão do Instituto Histórico e Geográfico do Pará: “[...] a alma nacional vibra de grande entusiasmo e civismo, regozijada pelas glórias da civilização brasileira, [...] que cheias de pujança e intrepidez, constroem no coração territorial do BRASIL uma nova página [...]” (p.235) (grifo do autor).

Com a transferência da capital tornou-se possível, também, a ordenação da história do Estado de Goiás. Após a inauguração da capital se estruturou o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG). Na verdade, a criação do IHGG encontrou em Ludovico o apoio institucional e um projeto de memória que consagrou a nova capital como um marco divisor na história de Goiás e a imagem de Ludovico como quem criou esse marco. Iniciava o processo de leitura de história local da construção e transferência da capital – o marco –, e de Ludovico o criador desse marco. Essa ideia é reforçada na carta⁶ de Raymundo Nonato Rocha para Ludovico:

Tendo acompanhado pelos jornaes o grande desenvolvimento desse imenso Estado Central, dado a acção dinâmica do nobre Interventor, sendo um grande sympathizado pelas causas do

⁶ Rio de Janeiro, 08/08/1940. Arq. PL X, pasta 90, disponível em Goiânia.

engrandecimento [...] como está sucedendo a nossa capital Goyania, futura capital de grande progresso [...] Meus préstimos. (Rio de Janeiro, 08/08/1940. Arq. PL X, pasta 90).

Não só Goiânia é destacada na dimensão nacional, mas também Pedro Ludovico Teixeira, que aparece no artigo *O discurso do Interventor*⁷, do jornalista Anderson Horta: “Pedro Ludovico, em todos os sentidos, não é apenas goiano: é brasileiro” (p.25). Ainda nessa mesma discussão, José Carlos de Macedo lembra que “Goiânia [...] é um milagre da inteligência criadora do homem brasileiro [...]” (p.04) e “[...] contém uma sugestão profunda, que encanta e comove. O chefe de governo goiano não é só um plantador de cidades, ele é, sobretudo um animador do Brasil moderno” (p.05).

Outro artigo, *Em torno de uma entrevista*⁸, traz a seguinte nota: “[...] reconhecer as múltiplas qualidades de administrador que fizeram do Interventor Pedro Ludovico o homem admirado e respeitado perante toda a Nação” (p.02) enfatizando, também, a importância de Ludovico no âmbito nacional. E, ainda, o artigo *A esmeralda do Oeste*⁹ assevera que “o interventor Pedro Ludovico Teixeira é uma das expressões mais fortes do Estado Nacional é um produto vivo da Revolução de 1930. [...] O Brasil necessita de muitos Pedro Ludovico na sua administração” (p.13).

A partir desses diversos fragmentos, nota-se a o intuito de fortalecer o indivíduo e a nacionalidade atribuindo ao Estado a tarefa de criar a nação, ou seja, o Estado encarna a nação. Nesse sentido, os conflitos políticos seriam conduzidos para o interior da nova ordem social fundada pelo Estado e que encontra na fundação do Estado Novo o momento de esplendor. O Estado torna-se o elemento criador da nação. Contudo, o Estado é representado pelo líder, aqui na pessoa de Pedro Ludovico Teixeira.

Nesse aspecto, a ideia de construção da nação pode ser reforçada com o artigo *Goiânia e seu fundador*¹⁰, de Matma Nago, ao destacar o papel do operário ou trabalhador, imagem tão decantada/utilizada durante o período Vargas: “Pedro Ludovico [...] o primeiro OPERÁRIO (grifo do autor) goiano. É um exemplo a seguir pela nossa mocidade” (p.14). Ainda sobre esse assunto, o próprio Pedro Ludovico Teixeira em sua obra *Memórias* destaca que:

A riqueza incomensurável que a terra guarda nas suas entranhas e a energia construtora da geração atual, educada nos sadios princípios de ordem e do trabalho, constituem a segurança inequívoca de grande futuro, reservamo-nos lugar de marcado relevo no panorama nacional. (Teixeira 1973 p.114).

⁷ Ano II, n° 5, junho de 1943.

⁸ Ano II, n° 11, dezembro de 1943.

⁹ Ano III, n° 13, fevereiro de 1944.

¹⁰ Ano II, n° 6, julho de 1943.

Quanto à representação de Goiânia não apenas para o Estado de Goiás, mas para o Brasil como um todo, o artigo *Variações em torno de Goiânia*¹¹, de Paulo Augusto de Figueira – redator da Revista Oeste –, destaca que “Goiânia não é coisa para ser vista, é coisa para ser compreendida. Não é espetáculo para os olhos, mas um convite a inteligência. Não vale pelo que é, porém pelo que significa” (p.02). Ainda sobre essa questão, o artigo *O que falta a Goiânia*¹², de Hélio A. Lobro, lembra-nos de que “Goiânia [...] é a realidade mais elocuente e mais bonita que Goiás até hoje pode demonstrar ao Brasil” (p. 21). Completando essa ideia, recorre-se a Teixeira (1973 p.113) ao ressaltar que “Goiânia [...] vibra de entusiasmo ao sentir a Guardiã de nossas instituições”

A cidade de Goiânia é, nesse sentido, inscrita como um texto que representa o mundo dos discursos, do material e do político. Goiânia é vista como lugar construído, como necessidade histórica, é resultado da imaginação e do trabalho do homem Pedro Ludovico Teixeira, e passa a ser também um registro ou materialização de sua própria história, ou seja, como assevera o artigo *Goyas de ontem hoje*¹³: “A História com “H” maiúsculo, de Goyas, esta só começou em 1930 com Pedro Ludovico” (p.02).

Ainda nesse mesmo aspecto, o artigo *O dia de Goiânia*¹⁴ assevera que “Goiânia [...] cidade símbolo do Brasil Novo [...] Goiânia é miniatura do Brasil em marcha para o cumprimento de uma grande missão histórica” (p.01). A mesma revista vai além, e o artigo *A projeção de Goiás no cenário nacional*¹⁵ ressalta que “os jornais e revistas da Capital Federal e de todo o país trazem, diariamente, noticiários fartos sobre as possibilidades de nosso Estado e as realizações do nosso governo” (p.09). Percebe-se que Goiânia é vista como mais que uma cidade de destaque no Brasil, mas também, como exemplo a ser seguido por demais regiões brasileiras, como fica evidente no artigo *O exemplo de Goiânia*¹⁶, ou seja, “o milagre do aparecimento de Goiânia, realizado pelo Interventor Pedro Ludovico, marca o início de uma nova era na construção de cidades no Brasil” (p.20).

Quanto à relação de Goiânia com o Estado Novo, o artigo *Goiânia na opinião nacional*¹⁷, de Dom Aquino Correia, enfatiza que “Goiânia é uma flor miraculosa do Estado Novo, que nela tem hoje um monumento de sua política de realizações, nela tem hoje um troféu de vitória [...]” (p.04). E mais, “para nós, Goiânia é o ponto de referência da marcha para o Oeste” (p.209).

¹¹ Ano II, nº 6, Julho de 1943.

¹² Ano II, nº 6, Julho de 1943.

¹³ Ano II, nº 5, Julho de 1943.

¹⁴ Ano III, nº 18, Julho de 1944.

¹⁵ Ano III, nº 12, Janeiro de 1944.

¹⁶ Ano III, nº 20, Setembro de 1944.

¹⁷ Ano II, nº 6, Julho de 1943.

A nova capital representou uma fonte de atração para os projetos de ocupação da região Centro-Oeste, formando-se um novo espaço econômico e intelectual bem diferente do anterior. Nesse sentido, Pedro Ludovico Teixeira (1973), em um texto de seu livro, intitulado *A Cidade-Fanal*, ressalta que: “Goiânia é o ponto de referência da Marcha para o Oeste. É a estrela guiadora das caravanas de progresso e de trabalho, que hão-de- vir lavrar as terras, multiplicar as colheitas, usufruir os recursos e industrializar as matérias primas do Brasil Central” (p.209).

É importante destacar também o significado de Goiânia no contexto da “Marcha para o Oeste” como fica evidente no artigo *Goiânia e seu fundador*¹⁸, de Matma Nago: “Goiânia é o quilômetro 0 da Marcha para o Oeste” (p.14). Outro artigo, *Goiânia e o desenvolvimento econômico de Goiás*¹⁹, traz a seguinte nota: “Goiânia é algo que se confundi com o destino mesmo do Brasil porque ela é o símbolo vivo da Marcha para o Oeste” (p.08).

A construção da Marcha para o Oeste leva-nos a entender a imagem da Nação em movimento a procura, como nos lembra Lenharo (1986 p.15), “de si mesma, de sua integração e acabamento” Este é um movimento de conquista, de expansão, e Goiânia é um dos símbolos desse movimento. A Marcha para o Oeste leva o país ao encontro de suas origens e para isso é preciso caminhar/marchar para o sertão, pois, para o autor mencionado, no sertão, de acordo com o autor, encontra-se a “reserva moral e a riqueza do país” (p.72). Dessa forma, busca-se a Nação no sertão. Getúlio Vargas chegou ao poder em 1930 com um discurso nacionalista que, de certa forma, ocultava diferenças e conflitos e expressava uma concepção harmônica e orgânica de sociedade, o que tornava a nação um referencial para toda a população.

Nessa perspectiva, Lenharo (1986) diz que “idealmente a Nação está no sertão; seu isolamento [...] lhe garantem a pureza original” (p.172). Nesse aspecto, o sertão pode ser pensado como um grande espaço desocupado, não incorporado, mas que, no entanto, era também Brasil – talvez o melhor do Brasil – e, por isso mesmo, segundo Rosas (1996 p.06) “deveria ser incorporado, civilizado, construído”

Nesse sentido, o ato de adentrar ao sertão, para o Oeste implica não apenas uma trajetória de regeneração em que a pureza desse espaço será submetida ao “litoral”, porque este é a Nação em marcha voraz de quem o sertão receberá sua riqueza material e cultural, pois “marchar para o Oeste” significa a integração do Brasil, a comunhão nacional.

Nesse aspecto, para Rosas (1996 p.72), o encontro dessas duas partes deverá resultar na Nação integrada, “convivendo com a materialidade do litoral e a pureza espiritual do sertão, fundadores da

¹⁸ Ano II, nº 6, Julho de 1943.

¹⁹ Ano III, nº 23, Dezembro de 1944.

nova Nação Brasileira” É dentro dessa visão que Goiânia é marcante na sua condição de resultado de discursos produzidos, tanto em instâncias nacional e local ao assumir, de acordo com Silva (2010 p.170), “funções simbólicas representativas dos interesses do governo federal e estadual”

Nesse contexto, da Marcha para o Oeste, é que a mudança da capital se viabiliza, porque os processos econômicos e políticos, configurados nacionalmente, requerem a inserção de novas áreas na dinâmica implementada pela industrialização. Para Teixeira (1973 p.114), “o verdadeiro sentido de brasilidade é a Marcha para o Oeste” Goiânia nasce, então, consolidada pela ideia da Marcha para o Oeste, ou seja, resultado de políticas do poder central, especialmente do Estado Novo. Segundo Silva (2010 p.177), “Goiânia representa o primeiro passo da Marcha para o Oeste. A situação Geográfica da cidade facilitava a realização dessa política, ao mesmo tempo, que o sucesso dessa concretização abria caminhos para a construção de Brasília”

A construção de Goiânia assume, portanto, condição ativa ao projetar-se, conforme enfatiza Silva (2010), como vanguardeira da marcha para o Oeste e ao constituir-se em, como destaca Teixeira (1973 p.115), “uma filha do esforço e do labor locais”, nascida dos anseios de progresso e modernidade a serem “conduzidas por administradores e idealistas de visão” (p.170). Nesse ínterim, o jornal O Popular²⁰ traz a seguinte nota: “Goiânia num é ainda a guardiã dos grandes acontecimentos históricos de Goiás, mas é a vanguardeira da Marcha para o Oeste”

Ainda nesse sentido de vanguarda, Pedro Ludovico traz em seu livro *Memórias* o discurso feito pelo Arcebispo de Mato Grosso, D. Aquino Correia, em 1942, na inauguração de Goiânia, destacando que “estamos aqui comemorando uma significativa e fúlgida etapa dessa marcha para o Oeste” (p.188).

Então, a construção de Goiânia só se viabiliza quando os interesses estaduais políticos e econômicos coincidem com o projeto nacional advindo, isto é, para Silva (2010 p.176), “das determinações políticas e econômicas do governo de Getúlio Vargas e intensificando a instauração do Estado Novo” em 1937. Sobre essa discussão, entende-se que esse processo não poderia se concretizar sem um projeto de construção da Nação. A nova capital apontaria para os brasileiros a indivisibilidade de sua terra e de sua cultura.

A construção de Goiânia possibilitou a inserção do Estado de Goiás nos fluxos econômicos que atravessaram o Brasil. É interessante perceber que Ludovico, implicitamente, demonstra que o que mudou ou transformou o estado de Goiás não foi o movimento de 1930, mas sim a construção e transferência da capital do Estado, como se pode notar no artigo *Goiânia e seu fundador*²¹, de Matma

²⁰ Ano I, nº 111, 27/10/38.

²¹ Ano II, nº 6, Julho de 1943.

Nago: “Goiânia foi nossa revolução político-administrativa [...] finalmente um Goiás Novo” (p.14). Ideologicamente, a construção da nova capital criava condições para a inclusão de Goiás no projeto do Estado Novo.

Nesse sentido, Ludovico nos lembra de que pela primeira vez um Presidente da República “pós os pés em Goiás”, o objetivo dessa viagem foi o de visitar as obras da cidade em construção. Em um texto de sua obra, intitulado *A visita do Presidente Getúlio Vargas ao estado de Goiás*, Teixeira (1973 p.133) ressalta que “o presidente Getúlio Vargas chegou a Goiânia no dia 05 de agosto de 1940. Foi o primeiro Chefe do Governo Brasileiro a pisar em solo goiano em visita a seu povo”

No sentido de integrar o sertão ao projeto da Nação, o Jornal O Popular²², no artigo *A Marcha para o Oeste e a repercussão no Brasil Central*, enfatiza que “as populações do *binterland* brasileiro viveu sempre esquecidos dos poderes públicos da Federação [...] agora, porém, o presidente Getúlio Vargas dá o grito da Marcha para o Oeste” Quanto à Goiânia, inserida na realidade do Estado Novo, o artigo *Goiânia flor miraculosa do Estado Nacional* assevera que “a nossa maior dívida com Getúlio Vargas está em nos haver dado Pedro Ludovico, sem o qual não teríamos Goiânia. [...]. Goiânia: flor miraculosa, a mais bela, talvez do Estado Novo” (p.24).

Pode-se perceber, então, que, como fica claro no artigo²³ *Getúlio Vargas e Pedro Ludovico* de Marcelo Caetano Costa: “[...] Getúlio Vargas e Pedro Ludovico viverão eternamente na sucessão dessa geração, que irá cantando em aleluias balsâmicas pelo mundo em fora a grandeza de seus talentos e a integridade de suas virtudes cívicas” (p.05), a construção de Goiânia foi um marco divisor na história de Goiás e Pedro Ludovico, apoiado por Getúlio Vargas, foi o idealizador de tal feito. Esse pensamento cristalizou-se na Historiografia Goiana e nos meios de comunicação das décadas de 1930 e 1940.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se então, que Ludovico se esforçou para criar e reforçar, no imaginário social dos goianos, a necessidade da transferência da capital do Estado, relacionando essa mudança à possibilidade de modernização de Goiás. Para tal finalidade, Pedro Ludovico recorreu à utilização da imagem do sertão como dicotomia entre o moderno/cidade e o atraso/sertão, justificando, assim, a necessidade de mudar a capital, ou seja, construir uma cidade moderna, que modernizaria e garantiria o progresso de Goiás.

No entanto, a nova cidade reproduziu a segregação e a valorização, por conta da apropriação, se deu de forma desigual – a população pobre, que ficou sem habitação acabou se aglomerando aos

²² Ano I, 1938. Não foi possível identificar a data da publicação do artigo.

²³ Ano III, nº 23 de Dezembro de 1944.

redores da cidade, nas proximidades dos locais em que trabalhavam, sem nenhuma infra-estrutura. Nesse engodo, entendeu-se que a cidade não é resultado apenas da matéria, mas o resultado das relações dos seres humanos, tornando-se um espaço dinâmico onde há integração material e humana (Lefebvre 1991). Assim, verificou-se que a mudança da capital foi justificada pelas ideias de modernidade, progresso, desenvolvimento, captura do sertão, marcha para o oeste. Goiás deixaria de ser sertão e se integraria a modernidade. Todas essas questões giraram em torno de uma problemática concernente a modernização do Estado que recaiu sobre a construção e mudança da capital, da cidade de Goiás para Goiânia, na década de 1930 – esse foi o maior e mais importante projeto político de Ludovico.

Contudo, o desejo de modernização do Estado e inserção do mesmo no projeto econômico do país, mesmo quase oitenta anos depois, ainda não aconteceu. Ao contrário, percebeu-se um contraste entre uma cidade moderna – Goiânia – em um Estado ainda atrasado, ou seja, uma cidade moderna inserida no sertão, pois, a partir do momento que Goiânia começou a se desenvolver e a população a crescer, uma vez que muitas pessoas mudavam-se para a nova capital atraídas pelo crescimento industrial, surgiram muitos problemas sociais. No entanto, o Estado/Ludovico agia como se isso não acontecesse e os pobres/trabalhadores, que ao longo do tempo se estabeleceram na cidade, de fato não (com) viviam nela, mas aos seus redores, segregados/separados.

REFERÊNCIAS

Jornal O Popular de 1938 a 1946 – especificados em notas de rodapé.

Rosas RJ 1996. *Do Paraíso ao Grande Hospital: Dois Olhares da Ciência sobre o Sertão (Goiás - 1892 e 1912)*. Dissertação de Mestrado, UnB, Brasília.

Revista Oeste – 1942 – 1944 - especificados em notas de rodapé.

Silva SD, Bernardes GD 2010. Cidades ladrilhadas do Oeste: Experiências urbanas em Goiás-Goiania e Ceres no contexto da era Vargas (1930-1940). In: Gandara GS, Carvalho ER. *Rios e cidades ... olhares da história e meio ambiente*. Ed. da PUC/GO, Goiânia, 269 pp.

Teixeira PL 1973. *Memórias*. Cultura Goiana, Goiânia, 313 pp.

Lefebvre H 1991. *O Direito a Cidade*. Editora Moraes, São Paulo, 131 pp.

Lenharo A 1992. *A Sacralização da política*. Papyrus, Campinas – São Paulo, 216 pp.

Goiânia: “Miraculous Flower of the New State”

ABSTRACT

The following text aims to discuss the transfer process of the state capital of Goiás to Goiânia as a characteristically established attitude of the New State and as such the Revista Oeste (West Magazine) will be used as a main source, which circulated between the years 1942 and 1944, as well as, the book Memórias de Pedro Ludovico Teixeira (Pedro Ludovico Teixeira’s Memories), published in 1973.

Keywords: Goiás; Goiânia; New State; Pedro Ludovico Teixeira.

Data Submissão: 15/08/2014

Data Aceite: 30/07/2015